

JORNALISMO LITERÁRIO

# Profissionais discutem caminhos para um jornalismo mais humano

Maíra Fernandes

Inconformismo com o jornalismo objeto, padrão, desinteressante e desinteressado. Inconformismo com o prático da prática. Com a palidez, a polidez do jornalismo baseado nos números. Frio, cífrado. Inconformismo com o conforto das redações. Telefone e internet. Com a falta de história de gente comum. Inconformismo com algumas práticas da profissão.

Em outubro, mais de 300 profissionais da imprensa - entre antigos e novatos - de todos os cantos do país, reuniram-se por dois dias em um seminário em São Paulo, para discutir os rumos do jornalismo e as possibilidades e práticas de reverter o atual quadro da imprensa, principalmente dos jornais diários, que não estão conseguindo mais formar novos leitores e, tampouco manter os antigos. A proposta do evento foi a de debater as experiências da imprensa - brasileira e internacional - com o "Jornalismo Literário", também conhecido como "New Journalism", "Novo Jornalismo", "Jornalismo Narrativo", "Narrativa de Não-ficção", que, ao contrário de que possa parecer, não é um jornalismo que trata de literatura, mas um jornalismo que valoriza a reportagem, o personagem, que precisa da imersão do repórter na realidade do assunto, voz autoral, estilo, precisão de informações e dados, pesquisa, digressão, humanização e narrativa, utilizando recursos de observação e redação inspirados na literatura.

Surgido na imprensa europeia no século 19, o jornalismo literário se fortaleceu na im-

pressão norte-americana nos anos 40, chegando ao auge nos anos 60 através da produção de Tom Wolfe, Truman Capote, Gay Talese e Norman Mailer para as revistas como Esquire e New Yorker. No Brasil, o auge foi na segunda metade da década de 60, através da revista Realidade mas a prática não se consolidou nos jornais diários.

O público que participou do seminário, questionou a atual situação da imprensa, principalmente a brasileira, e o desinteresse dos leitores pelos jornais impresso. Em resposta, palestrantes de grandes veículos do Brasil e exterior, como o diretor de redação do jornal Zero Hora de Porto Alegre, Marcelo Rech; os editores da revista Brasileiros, Hélio Campos Mello e Ricardo Kotscho; o repórter Caco Barcellos (TV Globo); repórter especial do jornal "Público", de Portugal, Paulo Moura; a repórter especial do "The Washington Post", Anne Hull; o professor, escritor e jornalista literário americano Mark Kramer; a repórter da revista Época Eliane Brum; e os professores e jornalistas literários, responsáveis pelo primeiro curso de pós-graduação em "Jornalismo Literário" no país, criadores da Academia Brasileira de Jornalismo Literário (Abjl) - juntamente com Rodrigo Stucchi -, Edevaldo Pereira Lima, Celso Falsaschi e Sérgio Vilas Boas, debateram a idéia "equivocada", segundo eles, de que as reportagens precisam ser objetivas e rápidas, pois o leitor não tem tempo para ler. De um modo geral, todos defenderam que o repórter precisa ir às ruas, ouvir, sentir, se lembrar e produzir - não de uma forma ausente - uma narrativa, pois histórias de vidas precisam ser escritas com vida, com detalhes que identifiquem a singularidade de cada um. Humanizar os textos.

**Narrativa contra a decadência**

Para Rech, a preocupação do jornalista

precisa ser a de descobrir aquilo que se vê todo dia, mas não se enxerga. À frente de um dos jornais impresso que mais investem em reportagens especiais e narrativas fora do padrão estabelecido pela imprensa escrita, ele explicou que, assim que assumiram essa postura na Zero Hora, a resposta do leitor foi positiva, contrariando aquele mito instituído de que leitor não gosta de texto longo, que a informação principal precisa estar nos primeiros parágrafos. Para Rech, isso não passa de desculpa de quem não sabe fazer, pois escrever bem é um talento, que precisa de percepção e sensibilidade. "Isso não é ensinado, é instigado".

O jornalista e professor americano, Mark Kramer concorda que a narrativa é a única forma dos jornais diários recuperarem público leitor. Segundo Kramer, a prática que se consolidou na imprensa americana pode ser a cura para a decadência dos jornais. Para ele, a TV se tornou tão interessante que os leitores não querem mais se entediar. "Os filmes, novelas, documentários são mais intimistas e revelam um exagero da vida real, ao contrário da voz padrão: pálida e fria". Para Kramer, a narrativa não pode ser escrita na voz padrão, que é a cultura oficial do jornal. Não pode ser informal ao falar de fatos humanos. "É enfadonho o jornalista ser um narrador ausente", disse ele que apontou o exemplo do jornal americano "Washington Post", que teve não firme e não abriu mão dos talentos que tinha em casa. Apostou na narrativa e teve muito sucesso.

A repórter especial do Washington Post, Anne Hull, confirmou o que disse Kramer afirmando que, nos Estados Unidos, usa-se narrativa para tudo, até para falar do clima, pois eles consideram essa técnica muito poderosa.

Segundo o jornalista Ricardo Kotscho, a única solução que ele vê, para todo o tipo de mídia, é voltar aos primórdios do jornalismo

e começar a fazer reportagens, de novo. O que ele não aceita são os jornais repetindo as mesmas notícias dos eletrônicos. "E não se trata do advento da tecnologia, mas da mediocridade", disse ele considerando que, ao invés de se diferenciar o jornal quer concorre com o meio eletrônico. Kotscho disse ter visto passar muitas modas no jornalismo. Segundo ele, agora a moda é o texto curto, pois dizem que o leitor não tem tempo para ler. Para Kotscho, o mesmo tempo que o leitor leva para ler textos mal escritos, é o que leva para ler uma boa reportagem. "O que falta hoje, é reportagem, que é a alma do jornalismo". Ele exemplificou que é difícil reportagem bem escrita e apurada nos jornais e, enquanto isso, as revistas como a Rolling Stones, Brasileiros, Piauí, provam que existe mercado, leitores, e o que falta é repórter para contar história.

**Ficção X realidade**

Mesmo utilizando-se de recursos inspirados na literatura, o jornalismo literário não trata de ficção, mas sim de realidade. Como a imprensa diária no país cede pouco espaço para essas reportagens que exigem mais fôlego, mais tempo de apuração, pesquisa e imersão do repórter na realidade, a maioria do que se produz no país nesse campo está em documentários ou livros-reportagem.

Para o repórter e escritor Caco Barcellos, não há muito o que fantasiar nas narrativas, pois a realidade hoje supera a ficção e a dramaticidade. Quanto à postura do jornalista de não ceder espaço à vida real, ele acredita que um dia a imprensa terá que pagar as dívidas pela omissão, como, por exemplo, não subir ao morro. "Os jornais tendem a cobrir o universo do umbigo de uma minoria. O Brasil é formado por uma pequena Suíça e uma grande Etiópia".

Hélio Campos Mello também disse que falta bom senso no jornalismo atual. Para ele, a imprensa acaba caindo muito na mesma "É Renan (Calheiros), no café, no almoço. A mídia é muito Brasília e menos Brasil", disse ele que está à frente da revista Brasileiros, que sempre traz reportagens longas sobre pessoas comuns de diversos cantos do país. O parceiro na empreitada, Kotscho, disse sempre ter sido contra rótulos e gêneros, disse que acredita que não adianta rotular os tipos de jornalismo, pois todo o jornalismo é humano, já que não conhece jornalismo mineral. E todo jornalismo, por natureza, é investigativo. "Jornalismo não tem que espremer. Nem a favor, nem contra, tem que ser verdadeiro. Apesar de não acreditar em neutralidade", disse Kotscho.

**Um outro jornalismo é possível?**

Focas e profissionais de mais de 20 anos de redação, que estavam presente no seminário, manifestaram um interesse comum: discutir a possibilidade de um outro jornalismo. Formada há 5 anos, a catarinense Katherine Funke trabalha atualmente em um jornal diário na Bahia, onde reside e é repórter de Cidade. Segundo ela, o que a fez sair de tão longe para participar do seminário é, justamente, conhecer como outros veículos estão trabalhando essa outra (mas não nova) possibilidade do fazer jornalístico, menos padrão, menos oficial, para tentar empregá-lo também no jornal onde trabalha que está, como muitos dos jornais diários no país, passando por uma reestruturação. Para ela, a iniciativa da mudança já foi um sinal de que algo que estava sendo feito não está mais surtindo efeito, por isso, ela crê que, a partir deste momento, haverá mais espaço para narrativas e reportagens de mais fôlego, mais humanizadas.

Com 29 anos de jornalismo, o editor do

"Jornal do Tocantins", Sebastião Pinheiro, que fez também o curso Master em Jornalismo, disse que o próprio grupo onde trabalha está buscando aprimorar os profissionais. Para ele, o jornalismo impresso não tem outro caminho a não ser investir em texto de qualidade e reportagens mais bem apuradas, apostando no conteúdo, pois a informação pura e simples o leitor tem simultaneamente por outras vias. Pinheiro, mesmo com tantos anos de prática, disse que irá participar também do curso de pós-graduação em Jornalismo literário e incentivar os funcionários também ao estudo. Segundo os responsáveis pela Abjl, algumas empresas de comunicação como a Folha de São Paulo, EPTV, Editora Abril e Rede Anhanguera de Comunicação (RAC), custeiam o curso de pós-graduação em jornalismo literário de alguns funcionários, já apostando na narrativa. O interesse tanto das empresas quanto dos próprios jornalistas é refletido nos números da própria academia. Em 2005, a primeira turma de pós em jornalismo literário foi realizada somente em Campinas e tinha apenas 46 alunos. Em 2006, esse número subiu para 5 turmas, distribuídos em Campinas, Brasília, Porto Alegre e São Paulo (duas turmas), com 98 alunos. Neste ano, 116 alunos estão concluindo o curso. O resultado do trabalho de conclusão de curso das duas últimas turmas foi um livro, organizado por Sérgio Vilas Boas, chamado "Jornalistas literários - Narrativas da vida real por novos autores brasileiros", com narrativas sobre diversos assuntos e personagens comuns.

Para saber mais sobre Jornalismo Literário, o site: [www.textovivo.com.br](http://www.textovivo.com.br) traz informações, entrevistas, narrativas, ensaios e um link esclarecendo sobre o programa de pós-graduação, que se encerra no próximo dia 14.



Elaine Brum mostrou no melhor livro-reportagem do ano, a vida que ninguém vê

## Elaine mostrou personagens que só ela viu. Ganhou o Jabuti

Um livro com a capa cinza, desfocada, com as cores e clima da minha lembrança de Porto Alegre, no inverno de 2005, a primeira e única vez que estive na cidade. O cinza, estava envolto por uma etiqueta amarela berrante que informava que aquele livro - titulado -, era finalista do Prêmio Jabuti/2007, concorrendo como melhor livro de reportagem, o qual ganhou. No ano de 2007, o melhor livro de reportagens de um dos mais importantes prêmios brasileiro, foi para Eliane Brum, jornalista gaúcha, e seu livro "A vida que ninguém vê", com 23 narrativas sobre personagens anôni-

mos, realizadas durante um ano, para a edição de sábado do jornal "Zero Hora", de Porto Alegre. Como ela mesma assinou na contra-capta do meu exemplar, "Histórias para lembrar que não existem vidas comuns, apenas olhos domesticados". - É muito barulhento para ti? Perguntou Eliane antes de começarmos a conversar, em um café em São Paulo. Timida, de fala calma e em tom ralo - dissonante do modelo colorido que usava - ela não aparenta ter 20 de profissão, parece uma menina. Entreguei a ela um exemplar do livro para que autografasse, antes de iniciarmos a conversa. - Qual o seu nome? - O mesmo da coisa mais linda que você já viu, respondi a ela, referindo-me à dedicatória do livro, que traz uma ho-

menagem à filha: "A Maíra, a coisa mais linda que eu já vi". Começamos a entrevista pela coincidência. A vencedora do Jabuti é pequena, fala bastante, insistiu no jornalismo, segundo ela, sempre brigando por reportagens mais humanizadas, com narrativas, personagens, fora do padrão das reportagens de jornal diário. A insistência foi positiva, a repórter que sempre preferiu sair a campo sem pauta, apenas observando, recebeu, em 1999, do diretor de redação da Zero Hora, Marcelo Rech, a incumbência de escrever uma coluna de reportagens sobre a vida cotidiana. Ambos tinham idéias, mas não sabiam, exatamente, como seria, então a coluna foi sendo construída, e chamada de "A vida que ninguém vê". Reportagens sobre o que nunca seria notícia no jornalismo convencional, sobre pessoas que nunca seriam assunto, mas que sempre a interessaram. "Sempre tive esse olhar sobre as pessoas subsequentemente ditas comuns". Com as reportagens, Eliane ganhou o Prêmio Esso em 1999.

**Quanto mais humano; mais complexo**

Para Eliane, o jornalismo de hoje preocupa-se, apenas, com a ruptura, o acontecimento, o assunto. E de certo modo o assunto, torna-se tão assunto, que as pessoas, e o próprio jornalista, não perguntam por qual motivo, tal fato é assunto. "Acho que hoje falta espaço para aquilo que não é ruptura, para vida cotidiana", disse ela, que não concorda com o pensamento padrão da imprensa diária hoje a qual não considera o fato de que todas as questões econômicas e políticas refletem na vida cotidiana das pessoas, e acabam fazendo reportagens com especialistas, números, percentuais, e não mostram, de fato, de que forma tal "assunto", interfere na vida das pessoas. "As pessoas que efetivamente constroem o país dia-a-dia estão fora da imprensa. Tem gente fazendo isso mas o espaço é muito pequeno". Eliane acredita que tudo depende do jornalista, pois ninguém ganha espaço de maneira fácil, no entanto, é uma luta que precisa ser travada diariamente. "Não posso dizer que não tem espaço pois faz 20 anos que eu faço isso, e eu sempre consegui espaço", comentou a repórter que hoje mora em São Paulo, a convite da revista Época, justamente por trazer essas pessoas à imprensa, contar histórias e humanizar assuntos.

Eliane acredita que há espaço, o problema é que não se trata de um jornalismo fácil de ser realizado. Para ela, fazer esse jornalismo de "aspas", que ouve apenas o "seu fulano", com "lead", pirâmide invertida entre outras regras de manuais, é muito mais fácil. O jornalismo literário, mais humano, é mais complexo, pois traz cheiro e textura, aquilo que a pessoa lá dizer e não disse, os gestos, o silêncio, tudo o que, segundo ela, é muito mais difícil de apurar do que o convencional. Eliane só atenta a um detalhe: não são todos os repórteres que podem ou conseguem fazer esse tipo de jornalismo. Em muitos casos, os repórteres confundem narrativa com pieguice, disse ela. E frisou que uma boa narrativa não pode e não precisa ser adjetivada demais, nem muito longa, pois há uma grande chance do texto ficar enjoativo, cansativo. Como ela disse, todas as vidas cabem em uma boa narrativa, se o repórter for um bom observador, sensível, ele constrói o ambiente, os detalhes, sem exageros. Para Eliane, a apuração é substantiva.



Personagens e histórias recolhidas nas ruas de Porto Alegre ilustraram as reportagens e foram a base para o livro



Marcelo Rech: o jornalista precisa descobrir aquilo que se vê todo dia mas não se enxerga



Mark Kramer: narrativa é a única forma dos jornais diários recuperarem público leitor